

CORREIO BRAZILIENSE

RUBEM AZEVEDO LIMA

Eleição Presidencial 22 JUN 1998

O temor dos poderosos

O presidente Fernando Henrique Cardoso é o que alguns chamam de gente fina. Homem simpático, inteligente, culto, e as suas circunstâncias, muitas delas incontroláveis. E que circunstâncias! A começar por sua eleição à Presidência da República, no instante em que ele, apesar da popularidade obtida pelo Plano Real, estava em dificuldades para reeleger-se ao Senado e se aliou aos setores políticos mais conservadores do país.

Vale a pena recordar algumas circunstâncias de FHC, entre as quais sua adesão ao neoliberalismo e o abandono de velhas convicções social-democratas. Seguem-se outras mais. Como a formação cultural euro-americana, em um país dependente da América hispânica. A ação política numa ditadura sul-americana, sob o peso da doutrina da segurança nacional. A aceitação, como democráticas, de decisões partidárias impostas pela violência, que o favoreciam, e a insinuação de fascismo noutras também conflituosas, que lhe eram desfavoráveis, mas se apoiavam em deliberação regular da justiça.

Tem mais. O auto-aprisionamento na armadilha do plano de estabilização monetária, sustentado pelo insustentável: o aumento sem fim das dívidas externa e interna, produzido pelos juros pagos à especulação mundial. O mergulho no vórtice da globalização, que dita a venda dos ativos nacionais e abre as fronteiras do país, sem controle. O desmonte de empresas nacionais e a institucionalização do desemprego. O empenho em reeleger-se, na esperança de tirar o Brasil do fundo poço, em novo mandato. A tolerância com a insaciável fisiologia política dos aderidos ao seu governo.

Por fim, a mais importante de todas as circunstâncias do governo FHC: a recomendação constante de um documento chamado Santa Fé-II, a favor da instauração, nos países dependentes, da "ditadura" das reeleições, aparentemente legais, de governantes das economias e regiões de interesse estratégico, no mundo conturbado pela globalização.

Essa diretriz, aliás, já vingou no Peru, na Argentina e no Panamá.

No Brasil, custou literalmente caro, mas foi também aprovada no Congresso. Agora, porém, apesar da publicidade oficial maciça para concretizá-la, a decisão congressional pró-reeleições pode fracassar em outubro próximo, segundo as últimas pesquisas.

Preocupado com essa perspectiva surpreendente, FHC admite que a situação do Brasil é sombria. Mas, gente fina, mantém a razoável esperança de revertê-la, enquanto seus aliados recorrem ao argumento do mal menor e dizem aos eleitores que o quadro está ruim, hoje, mas ficará pior se o presidente não se reeleger.

Tal é a tese dos que sustentam que a frágil economia brasileira deve competir com a força econômica dos países ricos, mas lutam para evitar ou reduzir ao mínimo possível qualquer competição político-eleitoral interna, mesmo travada entre o governo poderoso, apesar de tudo, e adversários sem recursos. Na verdade, pelo que se viu no veto à candidatura própria do PMDB, os novos Golias temem os Davis de sempre.